

# **RETRATO DA REDE 2011**

## **Por que um retrato?**

Gestão Educacional é tarefa séria e requer cada vez mais a profissionalização de quem a desempenha.

Temos uma carreira preciosa que garante diversidade de cargos e provimento democrático por concurso público de acesso. Esta carreira é a base da profissionalização da Gestão Escolar, pois permite que a formação específica, o acúmulo de conhecimentos e a experiência tenham aproveitamento no próprio serviço público.

Num país de tradição patrimonialista e autoritária, maior a necessidade de capacitação inicial, formação continuada, experiência crescente e reflexão para o exercício da liderança em favor de um ambiente democrático e aberto à participação de todos os segmentos que interagem na vida escolar.

Se é exigente, desafiador, burocrático, gratificante e estressante ocupar um cargo de chefia, coordenação ou supervisão num sistema público que implica um rol multifacetado de responsabilidades, representar estes Gestores Educacionais numa rede de ensino municipal maior que a de muitos países não é tarefa fácil.

Para o SINESP está claro que a luta incessante em defesa da categoria começa pelo conhecimento do perfil de sua base e passa necessariamente por espaços de avaliação das condições em que realiza seu trabalho.

No caso dos Gestores, participar da pesquisa Retrato da Rede é dar uma “parada” no redemoinho de ações que assoberbam seu cotidiano e focar na distinção entres dois tipos de cobranças. De um lado, se postam aquelas que se dirigem a eles enquanto agentes públicos. De outro, se arrolam aquelas que se devem dirigir à Administração Municipal, como um todo, e à Secretaria de Educação, em particular.

Ao longo dos anos, o Retrato da Rede vem se consolidando como o momento maior dessa pausa para avaliação. Revela dados precisos e já é instrumento poderoso a contribuir na luta por educação de qualidade.

Com a seriedade de sua temática, o cuidado científico em sua formulação, tabulação e interpretação vai gestando um sonho em realidade, concretizando um verdadeiro Índice SINESP de Desenvolvimento da Educação Municipal de São Paulo.

*João Alberto Rodrigues de Souza*

*Presidente do SINESP*

# Apresentação Geral

**Rudá Ricci\***

Esta é mais uma edição do Retrato da Rede, pesquisa realizada anualmente pelo SINESP, Sindicato dos Especialistas de Educação do Ensino Público Municipal de São Paulo.

O Retrato da Rede surgiu, inicialmente, como uma escuta com nossa base sindical a respeito dos principais problemas da categoria e da educação municipal paulistana. Com o tempo, este levantamento se constituiu numa importante base de dados da realidade escolar e das unidades do sistema educacional de nosso município. Os Gestores Educacionais têm, neste levantamento, um dos poucos momentos para falar do que vivem em seu local de trabalho. Percebemos, aos poucos, que não havia escuta por parte dos órgãos governamentais.

Avançamos. Adotamos metodologias e instrumentos de coleta das informações com rigor acadêmico e criamos uma série histórica, ou seja, um banco de dados comparativo, onde percebemos as evoluções (ou não), ano a ano.

E o que vemos neste ano? Que pouco mudou. Os Gestores Educacionais afirmam que não são ouvidos pelos órgãos responsáveis pela condução da política educacional do município. Que recebem material de consumo e didático que são inadequados e insuficientes. Uma falha que, segundo o Retrato da Rede, ocorre por não serem ouvidos. Simples assim. Se o governo ouvisse nossos Gestores Educacionais, que são os que vivem o dia-a-dia da escola e por carreira e função são os que mais sabem das necessidades das Unidades Educacionais onde trabalham, não forneceria produtos a mais que não são necessários ou até produtos que não respondem às demandas reais. Bastava ouvir.

Mas o que mais nos surpreendeu em 2011 é o aumento de ameaças. E o aumento do stress e depressão da categoria. Os dois problemas se relacionam, evidentemente.

A Finlândia, país com a melhor educação do planeta (segunda avaliação do PISA), possui escolas em que o mobiliário é disposto a facilitar a comunicação entre alunos e professores. Nada mais óbvio, mas que não ocorre nas escolas municipais de São Paulo. Na Finlândia, as avaliações são internas e os resultados não são públicos. Por qual motivo? Porque as avaliações são instrumentos de análise dos profissionais envolvidos e não instrumentos de pressão política. Novamente, uma questão se relaciona à outra: a sinergia entre as várias partes que constituem um sistema educacional é sempre o melhor caminho.

Destacamos nesta introdução os problemas dos processos sistêmicos de avaliação por se constituírem em mais um elemento de tensão apontado em nosso Retrato da Rede. Mais um modismo adotado no Brasil que se revela um erro que outros países já cometeram. Que o diga Diane Ravitch, ex-assessora do Ministro da Educação de Bush, Lamar Alexander:

*“Em 2001, aplaudi com entusiasmo quando o Congresso votou um texto que defendia essas ideias: a Lei “No Child Left Behind” (NCLB - nenhuma criança dexada para trás), assim como também celebrei, em 2002, quando o presidente George W. Bush sancionou-a. Mas hoje em dia, observando os efeitos concretos de tais políticas, acabei mudando de opinião.”*

Diane afirma que milhares de dólares foram gastos para instituir as baterias de testes, competindo com o ensino ordinário, interrompido durante vários meses para dar lugar à preparação intensiva dedicada a esses exames. Muitos analistas, afirma esta educadora em seu livro publicado no ano passado, disseram que os alunos acabariam aprendendo a fazer testes, mas não melhorando seu aprendizado.

Segundo sua avaliação, os testes promovidos pelas avaliações sistêmicas acabaram por valorizar algumas poucas disciplinas em detrimento da totalidade do currículo escolar:

*“A verdadeira vítima dessa obstinação é a qualidade do ensino. Como a leitura e o cálculo se tornaram prioritários, os professores, conscientes de que essas duas matérias podem decidir o futuro de sua escola (e de seu emprego), acabam negligenciando as demais.”*

As avaliações sistêmicas e de desempenho tomam um tempo significativo dos Gestores Educacionais, assim como os programas sociais que desencadeiam desvio de função e desorganizam toda rotina das Unidades Educacionais.

Há mais. O Retrato da Rede 2011 revela que a formação continuada específica para os Gestores Educacionais (Diretores de Escola, Assistentes de Diretor, Coordenadores Pedagógicos e Supervisores Escolares) é bastante deficitária na RME. Que as condições de trabalho nas Unidades Educacionais da maior e mais rica cidade do país não são boas: há módulos de pessoal incompletos. Que os processos de Inclusão e de Implantação do Ensino de 9 anos apresentam problemas que precisam ser enfrentados com mais agilidade.

Enfim, o Retrato da Rede vem se consolidando como importante instrumento de avaliação das verdadeiras condições em que se realiza o trabalho educacional na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Desta forma, o poder público, contumaz em ranquear o desempenho das Unidades Educacionais através de amplo leque de testes, vê-se, através do Retrato da Rede do SINESP, instado a prestar contas da sua própria atuação.

O relatório a seguir foi organizado por blocos, que procuram contemplar peculiaridades regionais:

- 1- Perfil dos entrevistados;
- 2- Condições de trabalho;
- 3- Recursos humanos, materiais e apoio;
- 4- Programas sociais nas Unidades Educacionais;
- 5- Organização da escola;
- 6- Gestão colegiada e participação;
- 7- Questões pedagógicas

## Síntese Geral dos Dados

### **Tempo de deslocamento casa-local de trabalho**

21,3% dos Gestores levam mais de 30 minutos no deslocamento entre sua residência e o local de trabalho. No caso dos Supervisores, essa porcentagem atinge 27,2%, sendo 13,6% com mais de uma hora no trânsito.

### **Ampliação da Formação Continuada por SME**

52,8% dos Gestores não puderam participar de Cursos de Formação oferecidos por SME. A maioria deles trabalha em EMEIs (61,4%) e EMEFs (50,6%).

### **Prevenção/Cuidado urgente com a Saúde dos Gestores**

Aumento Fortíssimo do Stress. Em 2010, Stress, Ansiedade e Fadiga dividiam a faixa de 15 a 20% das respostas, alternando-se como principal item em diferentes subprefeituras. Em 2011, o stress dispara para quase 66% e lidera em todas as regiões da cidade.

### **Melhoria das Condições de Trabalho dos Gestores**

Espaço Físico inadequado em 50,1% dos Locais de Trabalho (Falta de Salas de Coordenação, de Trabalho Coletivo e de Refeitório; utilização dos espaços das EMEIs em Rodízio, Existência de Salas com metragem insuficiente para Supervisores nas DREs).

Módulos incompletos em 53,3% das respostas. Falta de docentes com 35,5% e de equipes de apoio com 13,5%. No ano anterior, 70,1% dos Entrevistados afirmaram que a Unidade necessitou de docentes além do módulo.

CIPA inexistente (29,7%) ou ineficaz (48,4%) em 78,1% dos Locais de Trabalho.

Ameaças em 31,4% dos Locais de Trabalho; Agressões Verbais (23,6%) ou Físicas (5,1%) em 28,7% dos Locais de Trabalho; Casos de Constrangimento (7,6%), Furto (5,5%), Roubo (3,8%) e Vandalismo (2,1%).

Acúmulo de Funções apontado por 10,5% dos Entrevistados (Módulo de Funcionários insuficiente, Inexistência de AD nos CEIs).

Problemas com Internet/Informática em 9,3% dos Locais de Trabalho (Falta de Acesso/Equipamento, Morosidade nos Reparos, Mudança nos Sistemas sem a devida capacitação dos envolvidos, Travamentos constantes devidos a Intranet insuficiente).

### **Melhoria dos Processos de Seleção/Aquisição de Materiais**

Recursos insuficientes para atender crianças e jovens segundo 65% dos Entrevistados.

Material de Consumo Inadequado para 65,9% dos Entrevistados.

Material de Consumo Insuficiente segundo 70,5% dos Entrevistados.

Inadequação de Material Didático apontada por 63,2% dos Entrevistados.

### **Melhoria do Atendimento aos Gestores pelos Órgãos Intermediários e Centrais**

Burocracia, maior problema no ano anterior com 15,2% foi amplamente superada por Informação Desconhecida/Comunicação Deficiente (47,0%) e por Lentidão no Atendimento (19,4%).

### **Melhoria dos Processos de Inclusão, com reformulação dos CEFAIS e adaptação de prédios e equipamentos**

Aumentou a porcentagem de Unidades que prestam atendimento a deficientes: de 76,6% para 80,6%.

Falta de Apoio e Acompanhamento à Inclusão apontada por 73,7% dos Entrevistados.

62,7% consideram acessos e equipamentos não adequados para deficientes.

62,7% afirmam não receber acompanhamento regular pelos CEFAIS.

Os três maiores problemas apontados no serviço prestado pelos CEFAIS são: Número Insuficiente de Profissionais (41,2%), Falta de Meios Efetivos para atender as necessidades (16,9%) e Inexistência de Acompanhamento dos Casos (9,9%).

Leia e analise os dados e realidade da nossa rede e categoria. Discuta com seus colegas de trabalho.

Este Retrato nos faz perceber que fazemos parte de uma mesma comunidade, inserida numa realidade comum e que, por este mesmo motivo, só superará seus problemas se estiver irmanada, solidária e coesa.

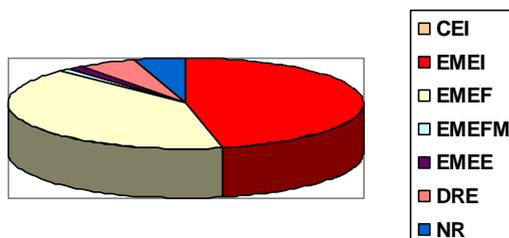
\*Rudá Ricci - Sociólogo, Mestre em Ciências Políticas e Doutor em Ciências Sociais. Diretor Geral do Instituto Cultiva e membro da Executiva Nacional do Fórum Brasil do Orçamento, Membro do Observatório Internacional da Democracia Participativa, Prêmio Grande Mérito Educacional e consultor do SINESP

### 1. Perfil dos entrevistados

A pesquisa Retrato da Rede 2011 foi realizada no período de 15/02 a 04/03/2011 e foram entrevistados 475 Representantes de Local de Trabalho. A margem de erro é de 3%.

#### Local de trabalho

Os Gestores Educacionais entrevistados se dividem, em termos de tipo de Unidade Educacional onde trabalham, de acordo com os seguintes percentuais: CEI – 13,9%; EMEI – 39,8%; EMEF – 34,6%; EMEFM – 1,1%; EMEE – 1,1%; DRE – 4,6%.

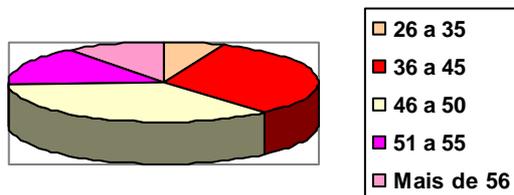


#### Dados pessoais

90,9% dos pesquisados são mulheres, na faixa etária entre 36 e 50 anos de idade (67,1% do total). 63,6% classificaram-se como caucasianos, e 19,8% afrodescendentes; o terceiro grupo é o daqueles que não responderam, que totalizaram 9,3%. Cerca de ¼ dos pesquisados estão na profissão entre 11 e 15 anos, o que lhes confere experiência e profundo conhecimento da lógica e realidade da Rede Municipal de Ensino. Curso superior completo é pré-requisito para o exercício do cargo de Gestor Educacional; 39% possuem curso de especialização, 3,6% têm mestrado incompleto, 5,9% completaram o mestrado e 0,8% tem doutorado.

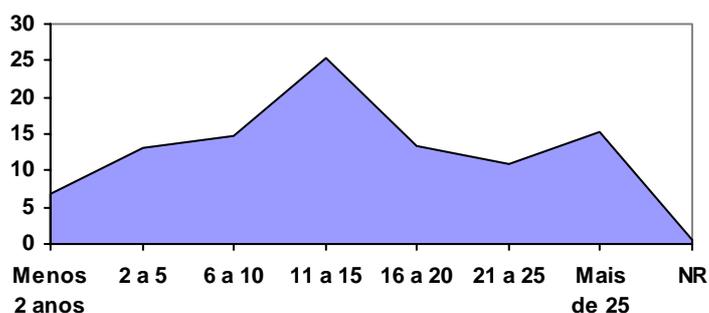
### Faixa Etária

O gráfico abaixo apresenta a distribuição dos entrevistados segundo sua faixa etária, mostrando a predominância entre os 36 e 50 anos.



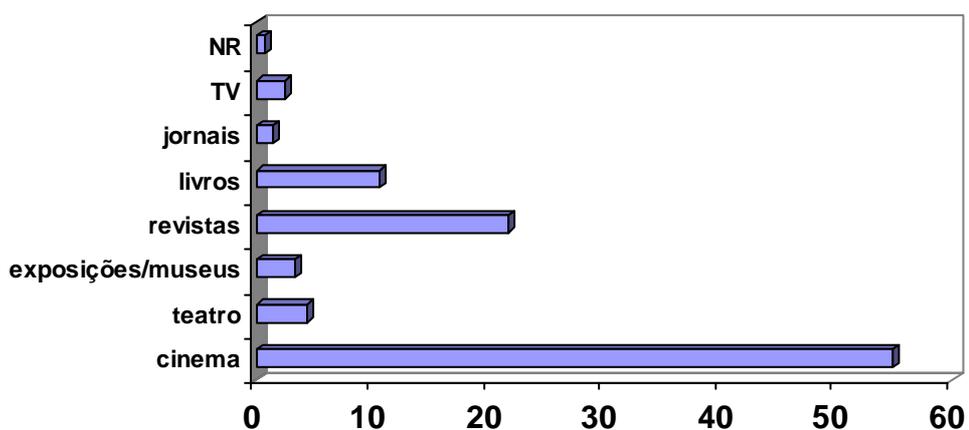
### Tempo no exercício do cargo

As respostas mostram que o grande pico no tempo de exercício no cargo fica na faixa entre 10 e 20 anos.



### Hábitos Culturais

Quase 80% dos Gestores Educacionais pesquisados acessam a internet diariamente.

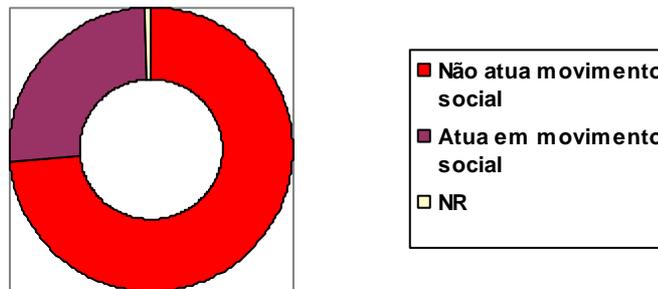


### Condição Social e Militância

90,5% possuem imóvel próprio (5,1% imóvel alugado). 90,5% utilizam carro próprio para se deslocar para o local de trabalho, 6,1% utilizam ônibus e apenas 0,8% metrô. Apenas 25% afirmam militar em outra organização social além do sindicato. Pesquisas recentes sobre o comportamento deste segmento social indicam baixa identificação com organizações sociais ou militância política e grande valorização da família como organismo social de referência. Entre os que militam socialmente, as organizações confessionais são as mais citadas e quase sempre se relacionam com reforço do seu próprio grupo social e pouco com o controle social.

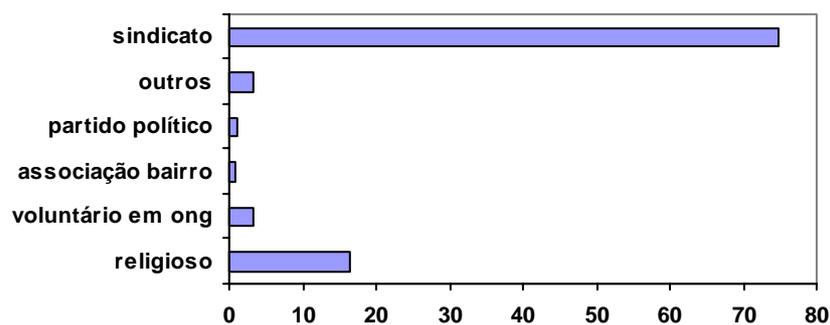
### Militância Social

Como mostra o gráfico a seguir, a grande maioria dos Gestores tem no Sindicato sua única esfera de militância social.



### Atuação em movimentos ou organizações sociais

No quadro abaixo, vemos que, em seguida, aparece a atuação, em percentuais bem menores, em entidades religiosas e em organizações não-governamentais.

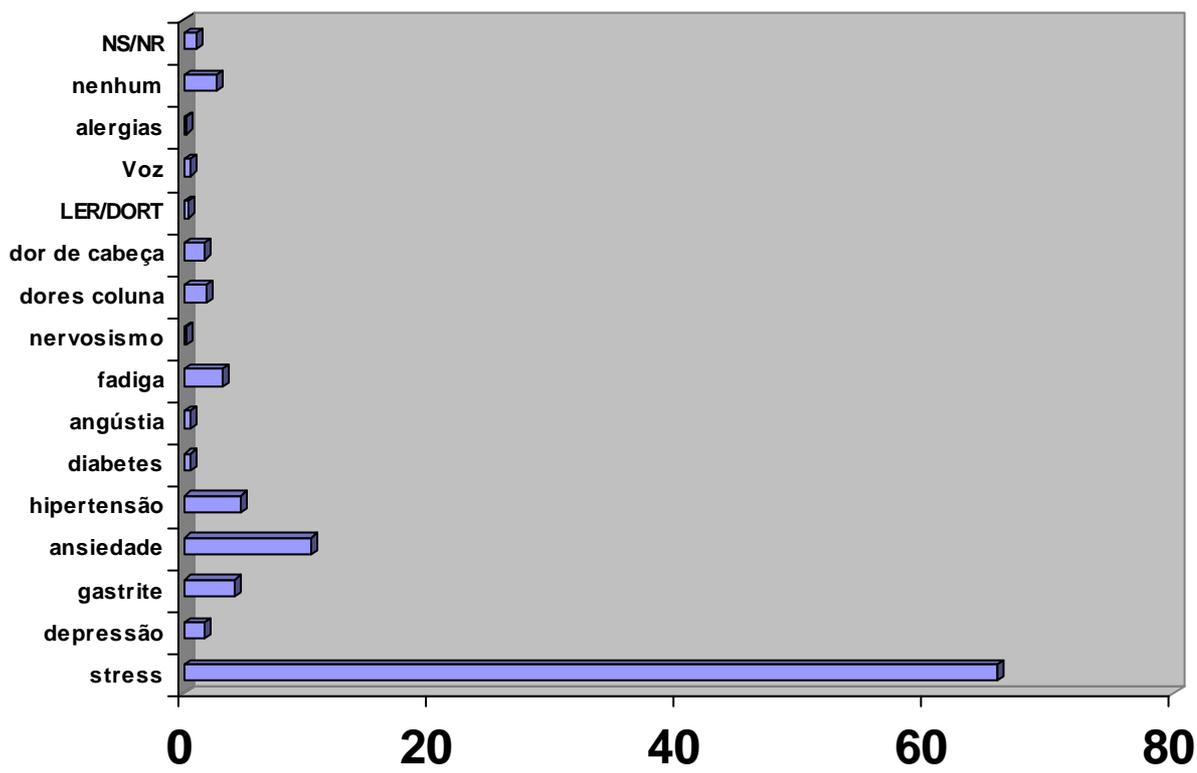


## 2. Condições de trabalho

### Saúde

O gráfico apresentado a seguir é preocupante. Stress, ansiedade e fadiga são os principais sintomas sofridos pelos pesquisados no último ano. São sintomas que se

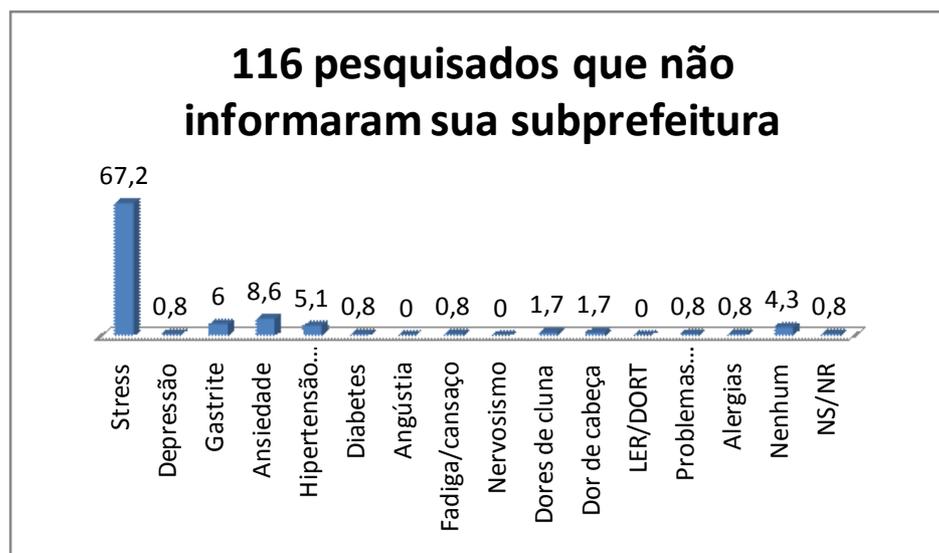
associam à Síndrome de Burnout. Há três anos o SINESP, através dos dados coletados pelo Retrato da Rede, alerta para esta situação motivada por excesso de burocracia, muita responsabilidade/pouca autonomia, falta de recursos humanos, violência em todos os níveis, bullying, e dificuldade para atendimento das demandas sociais. Leve-leite, uniforme, matrícula são questões que a escola não consegue resolver com agilidade, embora se empenhe para isto. O stress atinge 65,8% dos entrevistados. Um problema crônico que atinge a maioria dos profissionais, algo gravíssimo.



### Saúde, por subprefeitura

116 pesquisados não declararam em que subprefeitura está localizado o local em que trabalham. O gráfico a seguir, em separado, envolve as respostas desses entrevistados:

## 116 pesquisados que não informaram sua subprefeitura



Na subprefeitura **Aricanduva/Formosa/Carrão**, 100% dos pesquisados se declararam estressados. O **Butantã**, que no ano passado apresentava fadiga, ansiedade, nervosismo e angústia entre as queixas mais destacadas, nesse ano tem o stress em primeiro lugar, com 63,6% dos entrevistados; 18,2% se queixam de ansiedade e 9,1% de hipertensão arterial.

SUBPREFEITURA	SINTOMAS DE SAÚDE
Aricanduva/Formosa/Carrão	STRESS (100%)
Butantã	STRESS (63,6%) ANSIEDADE (18,2%) HIPERTENSÃO ARTERIAL (9,1%)
Campo Limpo	STRESS (72,7%) HIPERTENSÃO ARTERIAL E DORES DE CABEÇA (9,1%)
Capela do Socorro	STRESS (58,2%) GASTRITE, ANSIEDADE, FADIGA/ CANSAÇO, DORES DE COLUNA (8,3%).
Casa Verde/Cachoeirinha	STRESS (58,3%) ANSIEDADE (25%) GASTRITE E DORES DE COLUNA (8,3%)
Cidade Ademar	STRESS (90%) ANSIEDADE (10%)
Cidade Tiradentes	STRESS (75%) HIPERTENSÃO ARTERIAL E FADIGA/CANSAÇO (12,5%)
Ermelino Matarazzo	STRESS (66,7%) DEPRESSÃO, GASTRITE E HIPERTENSÃO ARTERIAL (11%).
Fo/Brasilândia	STRESS (92,3%) FADIGA/CANSAÇO (7,7%)
Guaianases	STRESS (66,7%) GASTRITE (27,2%) FADIGA/CANSAÇO (11,1%)
Ipiranga	STRESS (50%) FADIGA/CANSAÇO (30%) DEPRESSÃO (10%)
Itaim Paulista	STRESS (62,5%) ANSIEDADE (25%)
Itaquera	STRESS (63,3%) ANSIEDADE (16,7%) HIPERTENSÃO ARTERIAL (6,7%) DEPRESSÃO, GASTRITE, ANGÚSTIA E CANSAÇO (3,3%).
Jabaquara	STRESS (80%) GASTRITE (20%).
Jaçanã/ Tremembé	STRESS (61,5%) ANSIEDADE (15,4%) GASTRITE E PROBLEMAS VOCAIS (7,7%)
Lapa	STRESS (100%)
M' Boi Mirim	ANSIEDADE (44,4%) STRESS (22,2%) ANGÚSTIA E DORES DE COLUNA (11,1%).
Mooca	STRESS (41,6%) HIPERTENSÃO ARTERIAL (16,7%) DORES DE CABEÇA E LER/DORT (8,3%).
Penha	STRESS (58,3%) ANSIEDADE, FADIGA/CANSAÇO (8,3%) DIABETES, GASTRITE E HIPERTENSÃO ARTERIAL (4,2%).
Perus	STRESS (83,3%) ANSIEDADE (16,7%).
Pirituba	STRESS (61,5%) ANSIEDADE (15,4%) GASTRITE, HIPERTENSÃO ARTERIAL E DORES DE CABEÇA (7,7%).
Santana/Tucuruvi	STRESS (56,3%) ANSIEDADE (18,8%) FADIGA/CANSAÇO (12,5%) E DORES DE COLUNA (6,3%).
Santo Amaro	STRESS (82,3%) ANSIEDADE, HIPERTENSÃO ARTERIAL E FADIGA (5,9%).
São Mateus	STRESS (66,7%) GASTRITE (8,3%) ANSIEDADE, HIPERTENSÃO ARTERIAL, DIABETES, NERVOSISMO E DORES DE COLUNA (4,2%).
São Miguel	STRESS (66%) ANSIEDADE (11%) DEPRESSÃO, HIPERTENSÃO ARTERIAL, DORES DE COLUNA E PROBLEMAS VOCAIS (5%).

Sé	STRESS (80%) DEPRESSÃO (20%)
Vila Maria/Vila Guilherme	STRESS (76,9%) ANSIEDADE (23%)
Vila Mariana	STRESS (33,3%) DEPRESSÃO, HIPERTENSÃO ARTERIAL E FADIGA (16,7%).
Vila Prudente/ Sapopemba	STRESS (60%) ANSIEDADE (12%) HIPERTENSÃO ARTERIAL (8%); DEPRESSÃO, DORES DE COLUNA, DORES DE CABEÇA E LER/DORT (4% cada).

Na pesquisa anterior, o stress ocupou a terceira colocação entre as queixas de maior destaque dos pesquisados de **Campo Llimpo**; na nova pesquisa, o stress é a mais citada (72,7%) seguido de hipertensão arterial e dor de cabeça, ambos com 9,1%.

Em **Capela do Socorro** 58,2% dos pesquisados, afirmam sofrer de stress; gastrite, ansiedade, fadiga e dores de coluna são destacados por 8,3% dos pesquisados. É mais uma subprefeitura em que o stress passou a figurar entre os mais citados pelos pesquisados. Em 2010, os relatos mais frequentes foram fadiga (19,6%), dor de cabeça (15,7%) e ansiedade (13,7%).

Dos Gestores Educacionais da subprefeitura de **Casa Verde/Cachoeirinha**, 58,3% afirmam sofrer de stress; 25% de ansiedade e 8,3% de gastrite e dores de coluna.

90% dos entrevistados em **Cidade Ademar** apontam o *stress* como principal causa de adoecimento, seguido de ansiedade, destacado por 10% dos entrevistados. Em 2010, o stress foi apontado por 19,2% dos entrevistados. Em seguida, vieram angústia e hipertensão arterial com 11,5% cada.

Assim como no ano passado, o stress foi o mais citado pelos pesquisados na subprefeitura de **Cidade Tiradentes**. Mas, se naquele ano esse problema foi destacado por 16,7% dos Gestores Educacionais, nesse ano de 2011 o stress foi apontado por 75% da população entrevistada. Os dois outros destacados são: hipertensão arterial e fadiga. Ambos com 12,5%.

Em **Ermelino Matarazzo**, 66,7% dos entrevistados apontam o stress, como principal fator de adoecimento, seguido por depressão, gastrite e hipertensão arterial, todos correspondendo a 11,1%. Aqui verifica-se uma outra troca de posição entre as variáveis apontadas. Em 2010, fadiga ocupou a primeira colocação entre os mais citados.

Entre os pesquisados em **Fo/Brasilândia** 92,3 % apontam o stress como principal queixa. Esse número é quase seis vezes maior que o aferido na pesquisa anterior (nela, apenas 16,9% apontaram o stress). 7,7% dos entrevistados destacaram a fadiga no presente ano.

Em **Guaianases** 66,7% dos entrevistados destacaram o stress, como principal fator de adoecimento, seguido de gastrite com 27,2% e fadiga por 11,1%. No ano passado, o problema mais citado foi ansiedade.

Na subprefeitura de **Ipiranga** stress é apontado por 50% dos entrevistados, seguido por fadiga com 30% e depressão com 10%.

Em **Itaim Paulista**, 62,5% dos entrevistados destacam o stress como principal causa de adoecimento. Em segundo lugar ansiedade, com 25%. No ano passado, o stress foi o mais citado, com 20%.

Em 2010, a queixa mais presente nas respostas dos pesquisados na subprefeitura de **Itaquera** foi fadiga. Neste ano de 2011 foi o stress, com 63,3% de citações. Ansiedade, é a segunda mais citada (16,7%), seguida por hipertensão arterial (6,7%) e depressão, gastrite, angústia e cansaço, com 3,3% cada um.

80% dos Gestores Educacionais pesquisados do **Jabaquara** afirmam sofrer de stress; 20% afirmam sofrer de gastrite. Aqui, verifica-se percentuais muito maiores dos verificados na pesquisa passada: stress (14,3%), ansiedade (14,3%), fadiga (11,4%), hipertensão arterial (11,4%).

Stress é a queixa mais frequente, apontada por 61,5% dos pesquisados na subprefeitura **Jaçanã/Tremembé**. Ansiedade é apontada por 15,4%, gastrite e problemas vocais, por 7,7% dos Gestores Educacionais. Na pesquisa anterior, stress ocupava a terceira colocação entre os mais citados. O primeiro lugar foi ocupado por ansiedade e o segundo, por fadiga.

**M'Boi Mirim** é a única subprefeitura em que o stress não ocupa a primeira colocação. 44,4% aponta a ansiedade como principal causa de adoecimento. O stress vem em segundo lugar, com 22,2% e em terceiro estão angústia e dores de coluna com 11,1% cada.

Na subprefeitura da **Mooca**, 41,3% dos Gestores Educacionais pesquisados dizem sofrer de stress. Outros 16,7% apontam a hipertensão arterial, como causa de adoecimento. Gastrite, ansiedade e LER/DORT foram apontados por 8,3% cada um. Na pesquisa anterior, o stress não constou na lista dos mais citados pelos pesquisados.

58,3% dos Gestores Educacionais pesquisados da subprefeitura da **Penha** afirmam sofrer de stress. As outras citações são ansiedade e fadiga com 8,3% cada e gastrite, hipertensão arterial e diabetes com 4,2%.

No ano passado, as queixas mais constantes na subprefeitura de **Perus** foram ansiedade e stress, ambos por 20% dos entrevistados. Em 2011, o stress aparece com um percentual quatro vezes maior que na pesquisa anterior: 83,3%, seguido de ansiedade, com 16,7%.

61,5% dos pesquisados na subprefeitura de **Pirituba** afirmam estar estressados, número três vezes maior que o verificado na pesquisa anterior. Ansiedade foi apontada por 15,4% como a segunda maior queixa, seguida por gastrite, hipertensão e dor de cabeça com 7,7% cada.

Dos Gestores Educacionais pesquisados na subprefeitura de **Santana/Tucuruvi**, 56,3% apontam o stress como principal causa de adoecimento, seguido de ansiedade (18,8%), fadiga (12,5%) e dores de coluna e de cabeça (6,3% cada).

82,3% dos pesquisados na subprefeitura de **Santo Amaro**, afirmam sofrer de stress. Ansiedade, hipertensão arterial e fadiga dividem a segunda colocação, com 5,9% cada. Na pesquisa passada, o número de pessoas que afirmaram sofrer de stress foi cinco vezes menor que o verificado nessa nova pesquisa.

Dos Gestores Educacionais pesquisados na subprefeitura de **São Mateus**, 66,7% apontam o stress como sendo a principal queixa; 8,3% apontam a gastrite; ansiedade, hipertensão arterial, diabetes, nervosismo e dores de coluna dividem a terceira posição, com 4,2% cada.

80% dos pesquisados na subprefeitura da **Sé** apontam o stress como principal queixa, seguido por depressão, destacada por 20% dos entrevistados.

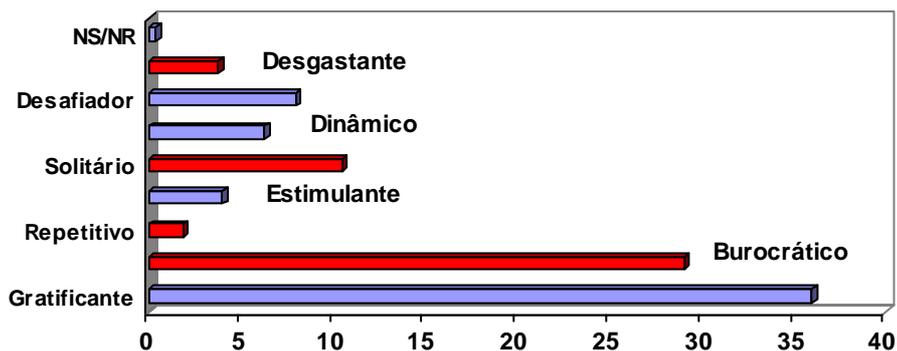
76,9% dos Gestores Educacionais pesquisados na subprefeitura de **Vila Maria/Vila Guilherme** apontam o stress como problema. Em segundo lugar ficou a ansiedade, apontada por 23% dos entrevistados.

Na subprefeitura de **Vila Mariana**, 33,3% dos pesquisados afirmam que o stress é o principal problema de saúde que enfrentam. Depressão, hipertensão arterial, fadiga são queixas apontadas por 16,7% dos Gestores Educacionais dessa subprefeitura. Em 2010, fadiga, dores de coluna e LER/DORT dividiram a primeira colocação, com 15,8% cada.

60% dos pesquisados na subprefeitura de **Vila Prudente/Sapopemba** queixam-se do stress, seguido de ansiedade (12%), hipertensão arterial (8%), depressão, dores de coluna, dor de cabeça e LER/DORT (4% cada).

***Em virtude do aumento considerável do stress nas respostas dos Gestores Educacionais entrevistados em 2011, o SINESP pesquisou suas possíveis causas junto a uma profissional que é referência no assunto, a Dr<sup>a</sup> Ana Maria Rossi, Presidente da ISMA-BR, International Stress Management Association, organização de pesquisa, prevenção e tratamento do stress. A Doutora afirmou que o aumento da ocorrência de stress na pesquisa não surpreende, pois “insegurança nas escolas, falta de limites, salários defasados e falta de apoio são situações que causam uma pressão constante. É preciso que o poder público implemente políticas de saúde voltadas aos educadores, com treinamentos para que tenham melhores condições de enfrentar esses estressores, sobre os quais não têm o menor controle.”***

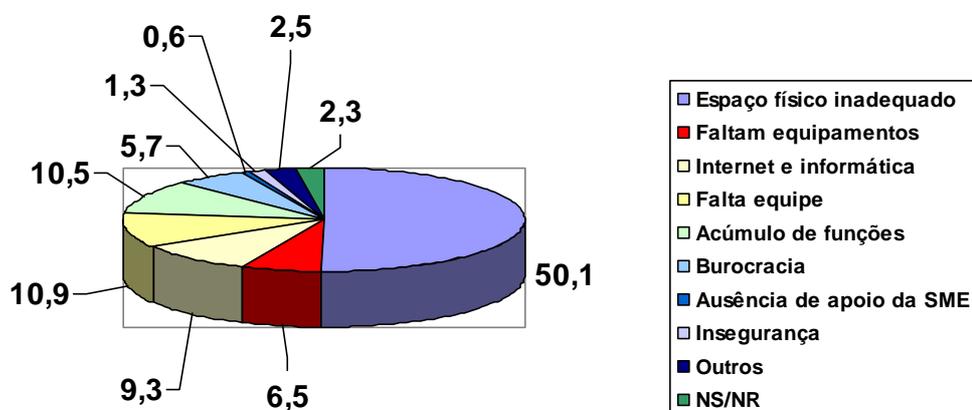
**Caracterização do Trabalho**



A tabela repete a situação percebida pelo Retrato da Rede de 2010: a categoria se divide entre aspectos positivos e negativos das rotinas e obrigações no seu local de trabalho. 54,3% indicam aspectos positivos (como desafiador, gratificante, dinâmico e estimulante) enquanto outros 45,7% indicam aspectos negativos. Dos desgastantes, vale registrar que a lógica burocrática muitas vezes imposta pelas demandas das instâncias superiores do sistema educacional municipal é a mais criticada. Este fato é relevante porque indica que revisado este problema, a categoria diminuiria em muito sua insatisfação.

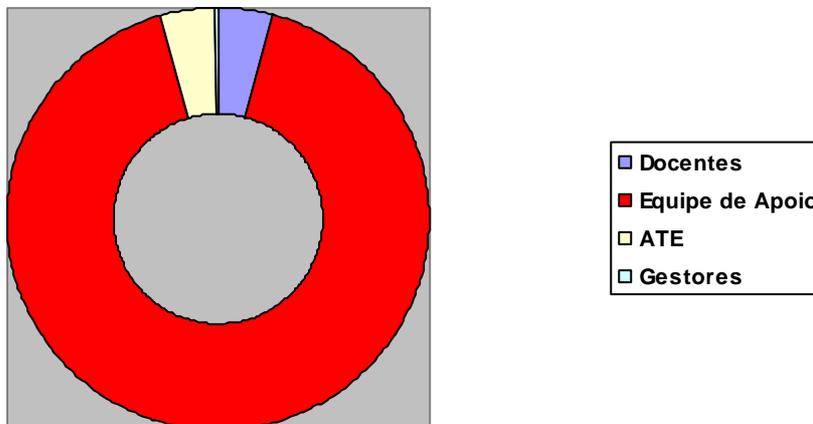
Percebe-se, portanto, que não há problemas exógenos que afetem a identificação profissional dos entrevistados, como tempo de deslocamento residência-local de trabalho, que afeta tantas outras profissões. O tempo de deslocamento não supera 30 minutos para 78,3% dos entrevistados (como já registrado, a grande maioria dos entrevistados se desloca com veículo próprio) e somente 3,6% dos entrevistados fazem este percurso em mais de 60 minutos.

### Problemas nos locais de trabalho



### Servidor Readaptado

89,3% afirmam ter profissionais readaptados em seus locais de trabalho e 7,2% dizem que não; 3,6% não responderam. Os readaptados estão assim distribuídos:

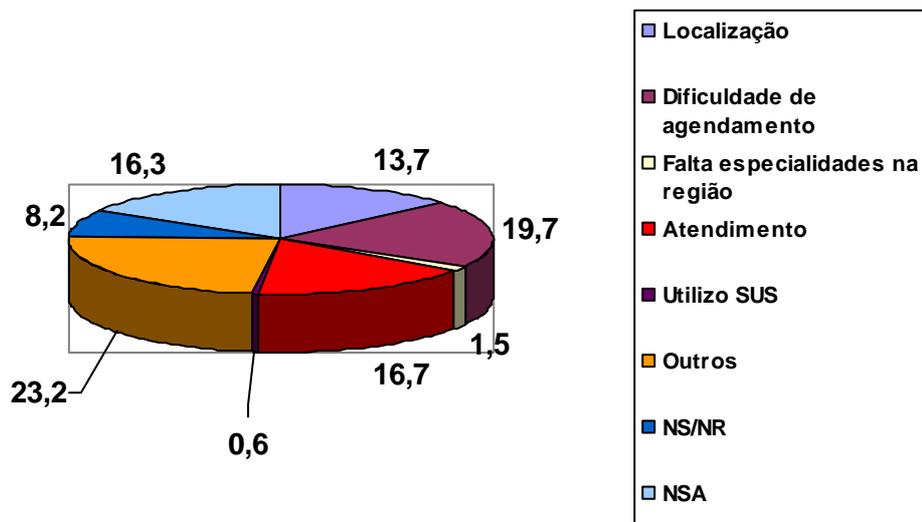


Para 79,4% dos pesquisados, as limitações apontadas nos laudos de readaptação **são** compatíveis com as atividades desempenhadas pelos readaptados e apenas 9,3% não as consideram compatíveis.

### Hospital do Servidor Público Municipal

Somente 16,4% dos pesquisados utilizaram o HSPM no último ano. Para 64,8%, a sistemática de agendamento da perícia foi satisfatória. Mais da metade criticaram o prazo para atendimento da perícia médica (53,7%).

Quando questionados por não utilizarem os serviços do HSPM, os seguintes motivos foram prioritariamente citados: localização, dificuldades de agendamento (embora 24,8% do total de pesquisados tenham reprovado a sistemática de agendamento, somente 19,7% destacaram este fator como principal motivo para não recorrerem ao HSPM), atendimento e utilização do SUS/planos de saúde.



### Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA

67,8% dos pesquisados informam que a CIPA está instalada em seu local de trabalho. Contudo, o índice dos que informam que não há CIPA é muito alto (29,7%). Nos locais onde elas existem, 48,4% afirmam que não funcionam a contento. O principal problema apontado para o funcionamento precário é a **falta de treinamento** (22,3%) e a **falta de condições para viabilizar as reuniões semanais** (10,4%). Os dois motivos, como se percebe, são afetos à ação governamental de apoio e observação da exigência legal.

### Violência no Local de Trabalho

31,4% dos pesquisados afirmam que foram ameaçados de violência e 23,6% que foram vítima de agressão verbal em seu local de trabalho:

### Casos de violência no local de trabalho

CASOS	%
Ameaça	31,4
Agressão Física	5,1
Agressão Verbal	23,6
Assédio Sexual	0,2
Constrangimento	7,6
Roubo	3,8
Furto	5,5
Vandalismo	2,1
Bullying	2,7
Outros	0,6
Nenhum	13,1
NS/NR	4,2

Nesta nova pesquisa, há uma mudança significativa em relação aos principais casos de violência. Se na pesquisa anterior – Retrato da Rede 2010 - a agressão verbal foi a forma de violência mais citada, no presente ano de 2011 a **ameaça** passa a ser a forma

de violência mais destacada por Gestores Educacionais do Ensino Público Municipal de São Paulo.

Num espectro geral de análise, os índices de violência efetivada tiveram sensível melhora, acompanhando os dados oficiais gerais do município divulgados, como se percebe da ilustração a seguir:



Nos dados gerais de violência de São Paulo, divulgados pela Secretaria de Segurança Pública, Lapa aparece como região campeã em furtos de veículos, seguido por Perdizes e Pinheiros. Já os casos de roubo de automóveis (quando há uso de armas e o assaltado é ameaçado) têm como destaque as regiões de São Mateus, Jabaquara e Campo Limpo. Sé e região central concentram pequenos furtos. Somente na Sé (1º DP) foram registrados 2.513 furtos no primeiro trimestre de 2011.

Há correspondência entre estes dados gerais e os índices de violência verificados pelo Retrato da Rede 2011.

Na subprefeitura de **Arincanduva/Formosa/Carrão**, agressão verbal é apontada por 57,1% dos pesquisados como o tipo de violência mais presente no local de trabalho. Na segunda posição encontramos constrangimento citado por 28,6% dos Gestores Educacionais, e ameaça apontada por 14,3% dos entrevistados.

No **Butantã**, 36,4% dos pesquisados na subprefeitura citam a ameaça. Os outros tipos de conduta violenta mais citados ocorridos no local de trabalho foram

SUBPREFEITURA	CASOS DE VIOLÊNCIA
Arincanduva/Formosa/Carrão	AGRESSÃO VERBAL (57,1%) CONSTRANGIMENTO (28,6%) E AMEAÇA (14,3%)
Butantã	AMEAÇA (36%) CONSTRANGIMENTO, FURTO (18,2%) E ROUBO (9,1%)
Campo Limpo	AMEAÇA (36,4%) AGRESSÃO FÍSICA (27,3%) AGRESSÃO VERBAL (18,2%) CONSTRANGIMENTO E ROUBO (9%).
Capela do Socorro	AMEAÇA (34%) AGRESSÃO VERBAL (25%) CONSTRANGIMENTO, ROUBO E FURTO (8,3%).
Casa Verde/Cachoeirinha	AMEAÇA (34%) AGRESSÃO VERBAL (25%) CONSTRANGIMENTO, ROUBO E FURTO (8%).
Cidade Ademar	AMEAÇA (50%) AGRESSÃO VERBAL (20%) E CONSTRANGIMENTO (10%).
Cidade Tiradentes	AMEAÇA (25%) AGRESSÃO FÍSICA, AGRESSÃO VERBAL, ROUBO E FURTO (12,5%).
Ermelino Matarazzo	AMEAÇA, (44,4%) AGRESSÃO VERBAL (22,2%) AGRESSÃO FÍSICA, CONSTRANGIMENTO (11,1%).
Fo/Brasilândia	AMEAÇA, AGRESSÃO VERBAL (38,5%) E FURTO (7%).
Guaianases	AMEAÇA, AGRESSÃO VERBAL, CONSTRANGIMENTO, FURTO E VANDALISMO (11,1%)
Ipiranga	AMEAÇA (30%) E AGRESSÃO VERBAL (20%) AGRESSÃO FÍSICA (10%).
Itaim Paulista	AMEAÇA (37,5%) AGRESSÃO VERBAL, CONSTRANGIMENTO E BULLYING (12,5%)
Itaquera	AMEAÇA (33,3%) AGRESSÃO VERBAL (26,7%) AGRESSÃO FÍSICA, CONSTRANGIMENTO (6,7%) ROUBO E FURTO (3,3%).
Jabaquara	AMEAÇA E AGRESSÃO VERBAL (40%).
Jaçanã/ Tremembé	AMEAÇA, AGRESSÃO VERBAL (38,5%) AGRESSÃO FÍSICA E FURTO (7,7%).
Lapa	CONSTRANGIMENTO (100%)
M'Boi Mirim	AMEAÇA (33,3%) AGRESSÃO VERBAL, FURTO (22,2%) E CONSTRANGIMENTO (11,1%).
Mooca	AMEAÇA (41,3%) BULLYING (16,6%) AGRESSÃO VERBAL E FURTO (8,3%).
Penha	AGRESSÃO VERBAL (37,5%) AMEAÇA (25%) AGRESSÃO FÍSICA (8,3%) CONSTRANGIMENTO E VANDALISMO (4,2%).
Perus	AMEAÇA (50%)
Pirituba	AMEAÇA (46,2%) AGRESSÃO VERBAL, CONSTRANGIMENTO, ROUBO, FURTO, VANDALISMO E BULLYING (7,7%).
Santana/Tucuruvi	AGRESSÃO VERBAL (43,8%) AMEAÇA (25%) ROUBO, FURTO E VANDALISMO (6,3%).
Santo Amaro	ROUBO, FURTO (17,6%) AMEAÇA (11,7%) AGRESSÃO FÍSICA, AGRESSÃO VERBAL, BULLYING E CONSTRANGIMENTO.(5,8%).
São Mateus	AMEAÇA, AGRESSÃO VERBAL (20,8%) CONSTRANGIMENTO (16,6%) ROUBO, BULLYING (8,3%) E VANDALISMO (4,1%).
São Miguel	AMEAÇA (36%) AGRESSÃO VERBAL (26%) AGRESSÃO FÍSICA (21%) CONSTRANGIMENTO (10,5%)
Sé	BULLYING (40%) E AMEAÇA (20%).
Vila Maria/Vila Guilherme	AGRESSÃO VERBAL (30,7%) AMEAÇA (23%) FURTO (15,3%) E VANDALISMO (7,6%).
Vila Mariana	AGRESSÃO VERBAL (50%) E AMEAÇA (33%).
Vila Prudente/ Sapopemba	AMEAÇA (60%) AGRESSÃO VERBAL (12%) AGRESSÃO FÍSICA (8%) CONSTRANGIMENTO, VANDALISMO E BULLYING (4%)

constrangimento e furto. Cada um, por 18,2% dos pesquisados; agressão física e roubo foram citados por 9,1% dos entrevistados.

Na pesquisa de 2010, em **Campo Limpo**, furto foi apontado como sendo, o tipo de violência mais recorrente. O que se verifica de imediato, é uma mudança drástica nesse cenário. Ameaça assume o primeiro lugar, como causa mais comum de violência, sendo citada por 36,4%, seguida por agressão física 27,3% e agressão verbal 18,2%. Dividindo a quarta posição estão: constrangimento e roubo com 9,1% cada.

Na subprefeitura de **Capela do Socorro**, agressão física que foi citada por 20% dos pesquisados no ano passado, não foi citada esse ano. Houve declínio também na citação de constrangimento (17,1 em 2010 para 8,3% em 2011). Por outro lado, verifica-se substancial aumento na citação dos demais tipos de violência, como ameaça, citada por 33,9% dos pesquisados; agressão verbal, por 25%; roubo e furto, por 8,3% dos entrevistados.

**Casa Verde/Cachoeirinha** apresenta valores e tipos de violência semelhantes aos praticados na subprefeitura de Capela do Socorro.

**Cidade Ademar** é outra subprefeitura em que o tipo de violência mais citada no ano passado – vandalismo 20% - não foi apontado na pesquisa deste ano. 50% dos profissionais dessa subprefeitura afirmaram que o principal tipo de violência verificada foi ameaça. Em segundo lugar, a agressão verbal, com 20% e constrangimento, apontado por 10% dos entrevistados.

Ameaça continua a ser o principal tipo de violência apontado pelos Gestores Educacionais da subprefeitura de **Cidade Tiradentes**. Ameaça foi destacada por 25% dos pesquisados, mesmo índice aferido na pesquisa de 2010. As outras causas apontadas são agressão física, verbal, roubo e furto. Todas essas obtiveram 12,5% cada.

O cenário apresentado na pesquisa anterior apontava ameaça e bullying como tipos de violência mais recorrentes, na subprefeitura de **Ermelino Matarazzo**. Nessa nova pesquisa, o bullying não foi apontado pelos Gestores. Porém, verifica-se aumento no número de citações de ameaça (44,4 %), seguidos por agressão verbal (22,2%) e agressão física e constrangimento, que estão em terceiro lugar, com 11,1% cada.

Houve também alteração no cenário traçado pela pesquisa Retrato da Rede 2010, em relação aos dados aferidos para esse ano de 2011, na subprefeitura de **Fo/ Brasilândia**: ameaça passa a dividir com agressão verbal o primeiro lugar entre as formas de violência mais frequentes no local de trabalho. Ambas aparecem com 38,5%. Vale destacar, que ameaça é, como no ano passado, a forma de violência mais citada pelos Gestores Educacionais pesquisados. O valor apresentado nessa pesquisa é três vezes maior que o verificado na pesquisa anterior.

Em **Guaianases**, ameaça, agressão verbal, constrangimento, furto e vandalismo aparecem como as principais ocorrências de violência no local de trabalho. Todas elas apresentam o mesmo valor: 11,1%. Na pesquisa realizada em 2010, cada uma dessas variáveis foi apontada por 12% dos pesquisados. Verifica-se uma estabilidade nos índices de violência nessa subprefeitura.

**Jabaquara** apresenta um aumento substancial nos índices de respostas aos casos de violência. No Retrato da Rede anterior, ameaça corresponde a 15,4% dos casos apontados de violência. Neste ano, ameaça e agressão verbal correspondem a 40% dos casos de violência apontados pelos pesquisados.

Ameaça continua sendo o tipo de violência mais citado por Gestores Educacionais da subprefeitura de **Itaquera**. Porém, se no relatório do ano anterior essa variável representava 15% das queixas de tipos de violência, em 2011 esse percentual subiu consideravelmente, passando a 33,3% dos casos de. Agressão verbal é destacada por 26,7% desses profissionais; agressão física e constrangimento por 6,7% cada; roubo e furto, por 3,3%

Em **Itaim Paulista**, furto foi o tipo de violência mais citado na pesquisa anterior. Violência que não foi citada pelos pesquisados em 2011. Ameaça aparece com 37,5% no índice de respostas aos casos de violência. Seguida por agressão verbal, constrangimento e bullying cada um com 12,5%.

Em **Jaçanã/Tremembé**, ameaça e agressão verbal são os tipos de violência mais destacados pelos pesquisados. Essas duas variáveis correspondem a 38,5% cada. Roubo e furto foram citados por 7,7% dos entrevistados. No Retrato da Rede de 2010, furto, vandalismo e bullying empataram em primeiro lugar, cada um com 12,2%.

Na **Lapa**, 100% dos entrevistados citaram o constrangimento como forma de violência mais presente.

O tipo de violência mais destacado pelos Gestores Educacionais da subprefeitura de **M'Boi Mirim** é ameaça, com 33,3%, seguida de agressão verbal e furto por 22,2% dos pesquisados e constrangimento por 11,1%. Na pesquisa anterior, as variáveis mais citadas foram ameaça, com 17,2% e vandalismo, com 12%.

Na **Mooca** ameaça é apontada como principal violência no local de trabalho, com 41,3% de citações. Mas merece destaque a segunda colocação, o bullying. Nessa subprefeitura esse tipo de violência teve o dobro de citações que os casos de agressão verbal e furto. Bullying, 16,6%. Furto e agressão verbal, 8,3% cada.

Agressão verbal foi o tipo de violência que Gestores Educacionais da subprefeitura da **Penha** afirmaram ocorrer com maior frequência no local de trabalho. 37,5% dos pesquisados destacou essa variável entre as opções. Ameaça ocupa a segunda colocação com 25%. Na terceira colocação está agressão física com 8,3%. Constrangimento e vandalismo estão em quarto lugar, com 4,2% cada.

Em **Perus**, 50% dos entrevistados citaram ameaça como a violência mais presente no local de trabalho. Os outros 50% não citaram nenhum tipo de violência.

Ameaça é destacada no índice de respostas de violência na subprefeitura de **Pirituba**, onde atinge o percentual de 46,2%. As demais práticas violentas empatam na segunda colocação com 7,7 %. O índice de resposta à violência em Pirituba dobrou em um ano.

Em **Santana/Tucuruvi** a agressão verbal é destacada pelos pesquisados como o tipo de violência mais praticada: 43,8%. Em segundo lugar, encontra-se a ameaça 25%; roubo, furto e vandalismo foram apontados por 6,3% dos pesquisados. Em 2010, ameaça foi apontada como a principal prática violenta no ambiente de trabalho.

Na subprefeitura de **Santo Amaro**, os maiores índices relacionados a casos de violência são ligados a roubo e furto 17,6 % cada. Ameaça ocupa a segunda colocação com 11,7 % e agressão física, verbal, constrangimento e bullying, ocupam a terceira posição com 5,8% cada. Em relação à pesquisa realizada em 2010, verifica-se pequeno aumento nos casos de furto.

Ameaça e agressões verbais dividem a primeira posição em casos de violência praticados no local de trabalho (20.8 %). Constrangimento ocupa a segunda posição, com 16,6%%. Roubo e bullying aparecem em terceiro lugar com 8,3% cada e vandalismo foi destacado por 4,1% pelos Gestores Educacionais da subprefeitura de **São Mateus**.

**São Miguel** apresenta ameaça com maior destaque entre os pesquisados, com 26%, seguida por agressão física (21%) e constrangimento (10,5%).

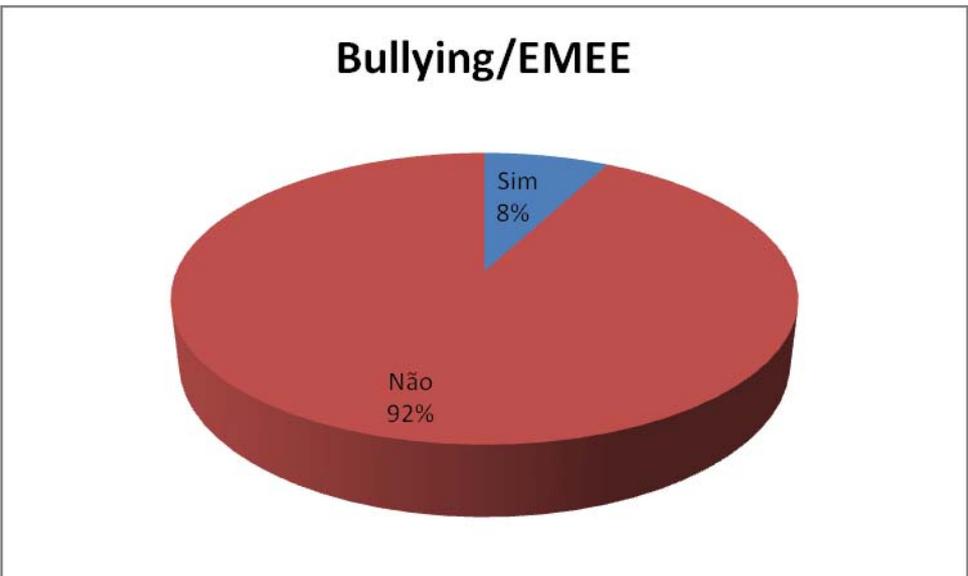
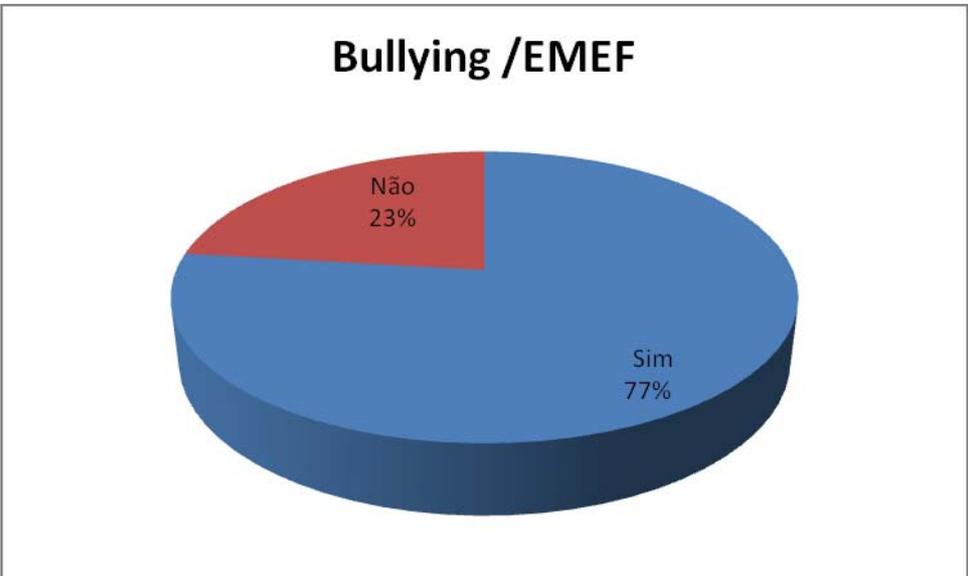
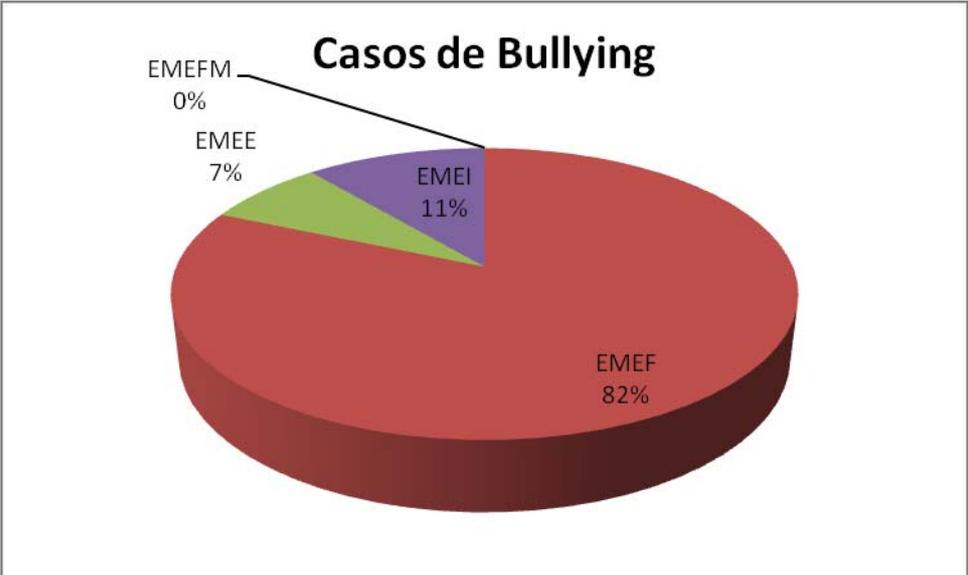
Bullying é a prática violenta destacada por 40% dos pesquisados na subprefeitura da **Sé**, seguido por ameaça apontada por 20% dos pesquisados. Não citaram nenhum tipo de violência 40% dos entrevistados.

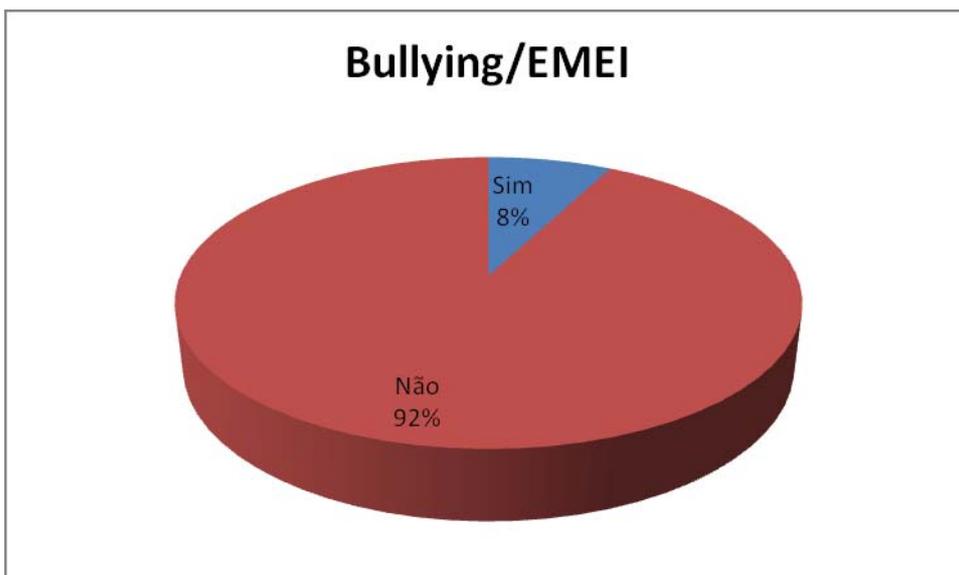
Na subprefeitura de **Vila Maria/Vila Guilherme** os maiores índices são relacionados à agressão verbal 30,7%. Ameaça ocupa a segunda colocação com 23%; furto, ocupa a terceira posição com 15,3 % e vandalismo foi destacado por 7,6% dos Gestores Educacionais pesquisados.

**Vila Mariana** aponta como prática violenta mais frequente a agressão verbal, com 50%, seguida por ameaça (33%).

60% dos Gestores Educacionais da subprefeitura de **Vila Pudente/Sapopemba** apontam a ameaça como a principal causa de violência no ambiente de trabalho. 12% apontam a agressão verbal, 8% agressão física e 4% constrangimento, vandalismo e bullying.

Quando questionados sobre a **ocorrência da prática de bullying entre os alunos**, chama a atenção os índices das EMEFs: **77% dos pesquisados destacaram essa prática violenta como presente na escola. Esse valor representa 82% de todos os casos de bullying relatados pelos profissionais pesquisados.**



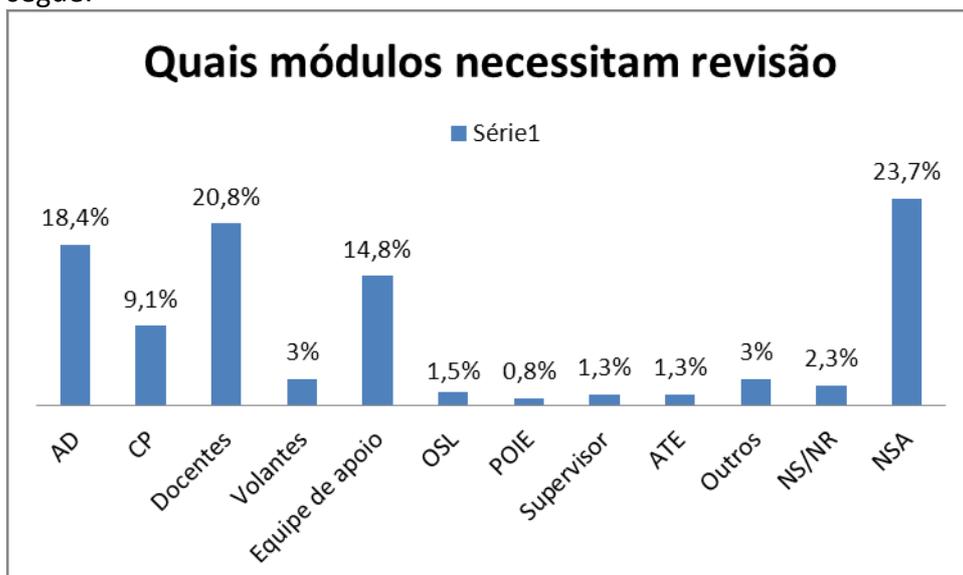


### 3 – Recursos Humanos, Materiais e Apoio

#### Módulos de Profissionais

Para 53,3% dos Gestores Educacionais entrevistados os módulos de profissionais em seu local de trabalho está incompleto. Neste caso, o profissional mais requisitado é o **docente** (citado por 35,5%), seguido por **equipes de apoio** (13,5%). **70,1% dos entrevistados afirmaram que no ano anterior a Unidade Educacional necessitou de professores além do módulo.**

Questionados sobre quais módulos necessitam revisão, o quadro captado foi o que se segue:



### **Recursos e Serviços Disponíveis**

19,4% dos pesquisados informam que seu local de trabalho não possui serviço de vigilância.

97,3% dos pesquisados informam que no seu local de trabalho há serviço terceirizado. Ao avaliarem os serviços terceirizados de merenda, 7,8% avaliam como sendo ótimo; 47,2% como sendo bom; 28% como regular e apenas 1,7% como péssimo (mais de 10% não responderam a questão).

**65,9% afirmam que o material de consumo enviado é inadequado.** Esta queixa já havia sido registrada em vários outros relatórios do Retrato da Rede. Os pesquisados solicitam que sejam ouvidos e que suas demandas sejam respeitadas. Mas a lógica tecnicista e centralizada das compras impede tal diálogo. Algo ilógico e criticado por muitos autores da administração e gestão de negócios, como Tom Peters. Para piorar, **70,5% dos pesquisados afirmam que o material de consumo enviado é insuficiente.** Inadequado e insuficiente, tal situação revela erro gerencial primário que leva a desperdício.

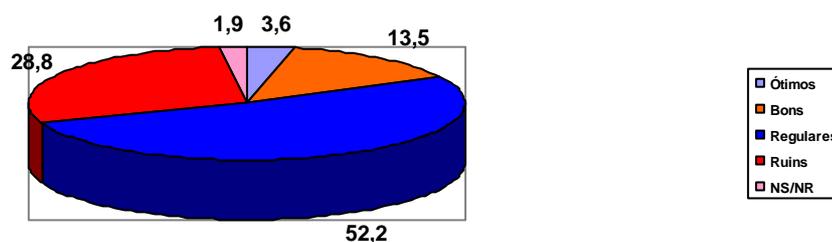
### **Programa de Transferência de Recursos Financeiros - PTRF**

**62,5% dos Gestores Educacionais pesquisados consideram que os recursos do PTRF são insuficientes.** Somente 5,5% aplicam este recurso para programas de formação da sua equipe. A principal dificuldade para gerenciamento da PTRF é a falta de autonomia para seu emprego (54,3% das respostas), seguida pelas demandas ampliadas sem recursos correspondentes (30,1%).

**71,2% dos entrevistados afirmam que sentem dificuldades para gerenciar receitas. A principal dificuldade é o recurso insuficiente frente às demandas (43,8%), seguida pela burocracia excessiva para prestação de contas para prazos muito curtos (19,2%).**

### **Prêmio de Desempenho Educacional - PDE**

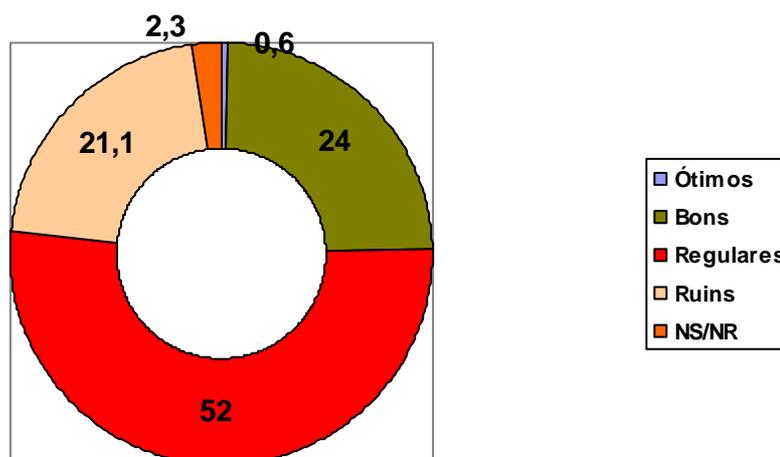
Sobre os critérios adotados para a premiação por desempenho educacional, a grande maioria considera-os regulares (52,2%) ou ruins (28,8%).



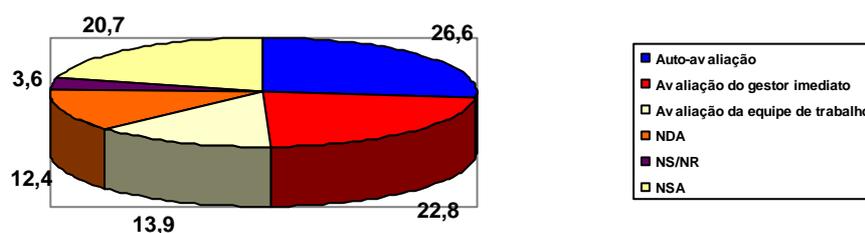
Os critérios apontados como mais prejudiciais ao servidor foram: índice de ocupação (38,3% das respostas) e licenças médicas (39,6%). Com efeito, as Unidades Educacionais nem sempre têm meios de agir sobre o índice de ocupação, que diz respeito, entre outras variáveis, às transferências dos alunos. Quanto às licenças médicas são direito do Servidor, previsto em Lei e não deveriam ser alvo de desconto, pois se relacionam às condições de trabalho estressantes, muitas vezes decorrentes da burocracia gerada pelos órgãos superiores da gestão educacional municipal. **Adotar as licenças como critério de perda de pontuação para efeito de premiação do servidor público é um contrasenso ou um descaso em relação à preservação da saúde do trabalhador.**

### Avaliação de Desempenho

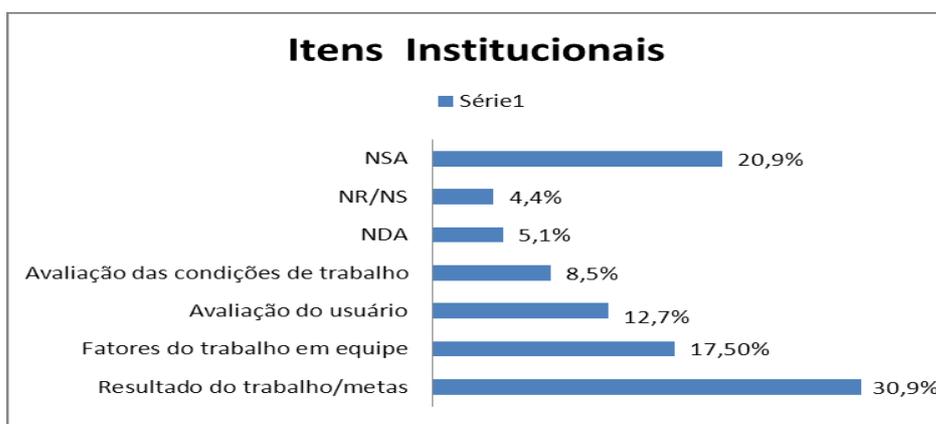
A percepção dos entrevistados a respeito dos critérios adotados para avaliação de desempenho individual e institucional é similar aos adotados para o Prêmio de Desempenho Educacional.



Segundo os pesquisados, merecem reformulação entre os **itens de avaliação individual**, a auto-avaliação e avaliação do gestor imediato, tal como indicado no gráfico:

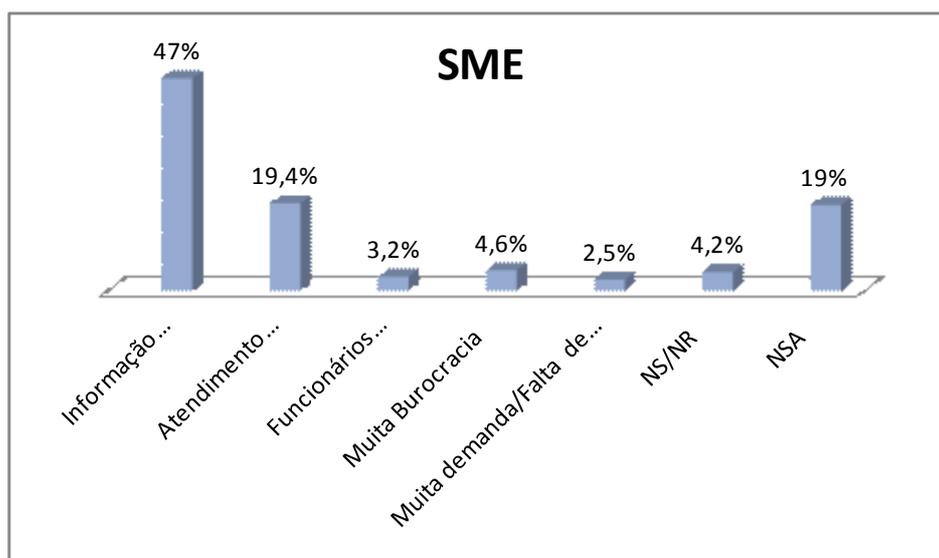


Já em relação aos **itens institucionais**, os principais que **merecem reformulação** são: resultado do trabalho/metras (30,9%) e fatores do trabalho em equipe (17,5%):



### Atendimento da Secretaria Municipal de Educação – SME

Para **76,8%** dos Gestores Educacionais pesquisados, a **eficiência técnica dos órgãos intermediários e centrais da SME é insatisfatória**. Para esse universo de entrevistados os principais problemas de atendimento são: **informação desconstrada ou deficiente (47% das respostas); atendimento lento ou demora nas análises (19,4%); falta de funcionários (3,2%); muita burocracia (4,6%), muita demanda/falta de estrutura (4,2%)**. O surpreendente é que a velocidade exigida das instâncias inferiores do sistema educacional para responder demandas da burocracia é desconsiderada em relação ao atendimento dos órgãos de apoio da SME.

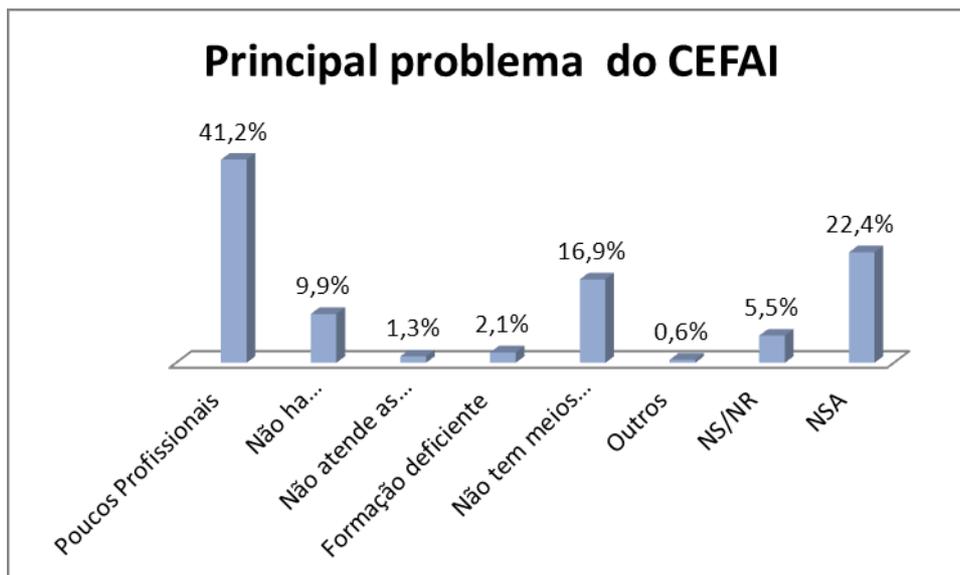


### A - Atendimento aos Deficientes

80,6% dos Gestores Educacionais pesquisados afirmam que há deficientes em seu local de trabalho. Em 61,7% dos casos são deficientes físicos, seguidos pelos deficientes mentais (9,5%) e deficientes intelectuais (5,1%). **Apenas 26,3% afirmaram que recebem apoio do governo municipal** no atendimento a este público. A principal queixa é a ausência de cuidador especial (26,3% das respostas).

Em fevereiro de 2011 a Rede Municipal de Ensino nomeou cerca de 409 Auxiliares da Vida Escolar (podendo chegar a 500), para trabalhar nas Unidades Educacionais, no apoio aos alunos com necessidades educacionais especiais sem autonomia para alimentar-se, fazer a própria higiene ou locomover-se. São pessoas da comunidade que se inscreveram para a função e receberam formação de profissionais da UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo. Embora bem-vinda, a ajuda é insuficiente. Dados da própria SME apontam que há 14 mil crianças com algum tipo de dificuldade, muitas das quais correspondendo ao quadro dos que necessitam o apoio desses profissionais. Outro item citado foi falta de atendimento médico multidisciplinar (12%).

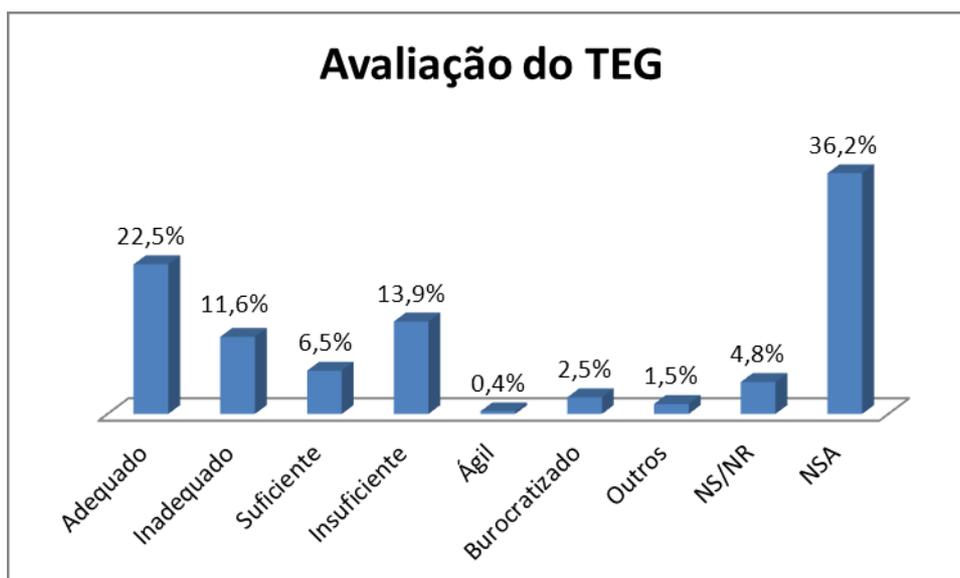
### B - Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão - CEFAI



**Apenas 37,3% dos Gestores Educacionais pesquisados afirmam que recebem acompanhamento regular do CEFAI. Destes, 69,4% afirmam que o atendimento é insatisfatório**, sendo o principal problema apontado, a quantidade diminuta de profissionais disponíveis (41,2% das respostas), seguido por deficiência de meios para atender a demanda (16,9%), não há acompanhamento dos casos (9,9%), não atende EMEIs/CEIs (1,3%), formação deficiente (2,1%). Novamente, percebe-se a ausência de planejamento e dimensionamento da demanda real a ser atendida pela SME.

#### **C - Transporte Escolar Gratuito - TEG**

37,7% dos Gestores Educacionais entrevistados afirmam que não possuem este serviço em seu local de trabalho e 58,9% afirmam que possuem. Desses, 22,5% avaliam-no como adequado, 11,6% como inadequado, 6,5% como suficiente e 13,9% como insuficiente. É preciso ponderar sobre o percentual da avaliação exposta já que para 36,2% dos pesquisados esta questão não se aplica (NSA).



### Liberdade Assistida – LA

O objetivo da liberdade assistida é a reeducação do adolescente e sua reinserção social. Trata-se de alternativa ao regime fechado e contribui para o aprimoramento da proteção integral consagrada no ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente.

Cerca de 25,3% dos Gestores Educacionais pesquisados afirmam que possuem casos de **Liberdade Assistida** nas Unidades em que atuam. Três subprefeituras apresentam índices muito acima da média: Ipiranga (70%), Guaianases (44%), Jabaquara e Sé (40%). Dos que fazem este atendimento, 56,7% afirmam que há interferência na rotina da escola, em virtude da necessidade de acompanhamento constante (para 38,1%), situações que geram tensão (para 27,3%) e funcionários sem formação (18,5%). O interessante a ser destacado é que nas subprefeituras de M'Boi Mirim e Lapa, 100% dos pesquisados afirmam não haver qualquer interferência na rotina escolar, no caso de atendimento a jovens em LA. **Mais de dois terços dos entrevistados afirmam que não têm apoio externo para atendimento dos adolescentes em liberdade assistida (79,3%).**

### Condições do Prédio e equipamentos no Local de Trabalho

Item pesquisado	Avaliação
Prédio	Bom (44%) Regular (42,1%) Péssimo (7,2%)
Mobiliário	Bom (46,7%) Regular (43,6%) Péssima (5,1%)
Ventilação	Bom (35,8%) Regular (41,9%) Péssimo (15,8%)
Instalação Elétrica	Bom (36,2%) Regular (46,9%) Péssimo (13,7%)
Instalação Hidráulica	Bom (40,2%) Regular (45,1%) Péssimo (11,4%)
Escadas	Bom (49,9%) Regular (20,4%) Péssima (4,4%)
Corrimão	Bom (55,4%) Regular (15,6%) Péssimo (2,3%)

Elevador	Bom (14,7%) Regular (10,7%) Péssimo [2,4% (9,5%)]*
Acústica	Bom (24%) Regular (45%) Péssimo (27%)
Janelas/Portas	Bom (42,9%) Regular (42,5%) Péssimo (10,9%)
Telhado	Bom (33%) Regular (37%) Péssimo (23%)
Quadra	Bom (20,7%) Regular (30%) Péssimo (11,4%)
Piso	Bom (52%) Regular (34%) Péssimo (7%)
Pintura	Bom (42%) Regular (35%) Péssimo (9%)

Para 44% dos entrevistados, as **condições do prédio** são boas, para outros 42,1% são regulares e 7,2% apontam-nas como péssimas.

Avaliação similar foi feita a respeito do **mobiliário**: 46,7% avaliam-no como bom; 43,6% como regular; e 5,1% como péssimo. As **escadas** também não mereceram muitas críticas: 49,9% avaliaram-nas como boas; 20,4% como regulares; e 4,4% como péssimas, assim como os **corrimões**, que 55,4% avaliaram como bons, 15,6% como regulares; e 2,3% como péssimos, e **elevadores** considerados por 14,7% como bons; 10,7% como regulares; e 2,4% péssimos. \*Digno de nota é que **64% dos entrevistados dizem não ter elevador no seu local de trabalho**; corrigido este item, eleva-se para 9,5% o índice dos que consideram o equipamento péssimo. Na sequência, **portas e janelas** são criticadas por 10,9% (péssimas), embora 42,5% as avaliem como regulares e 42,9% como boas. Quanto às **quadras**, 11,4% avaliaram-nas como péssimas, 20,7% como boas e 30% como regulares.

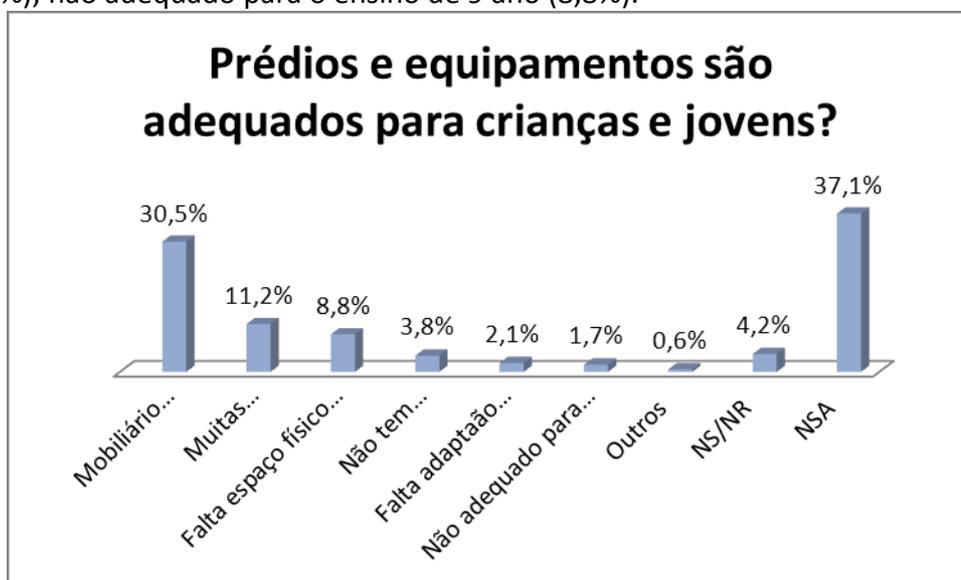
Já a **ventilação** do local de trabalho tem a seguinte avaliação: 35,8% avaliam-na como boa, 41,9% como regular e **15,8% como péssima**. A avaliação da ventilação acompanha a da **instalação elétrica**: 36,2% boa, 46,9% regular e 13,7% péssima. Quase os mesmos índices para **instalação hidráulica**: 40,2% boa, 45,1% regular e 11,4% péssima.

Os campeões de críticas, entretanto, foram **acústica** - muitas vezes diretamente vinculada aos problemas de saúde dos profissionais da educação – **27,6% consideram-na péssima**, 24,3% avaliaram-na como boa e 44,9% como regular – e os **telhados**, que 22,9% avaliaram como péssimos, 32,8% como bons e 37,7% como regulares.

50,5% dos pesquisados afirmaram que seu local de trabalho passou por **reformas no último ano**. Em especial, as instalações elétricas foram o principal foco das reformas (citadas por 21,3% dos entrevistados). Mesmo assim, as instalações elétricas aparecem como péssimas por 13,7% dos entrevistados. Serviços de alvenaria foram citados por 9,5% dos pesquisados, seguido pela pintura (5,7%).

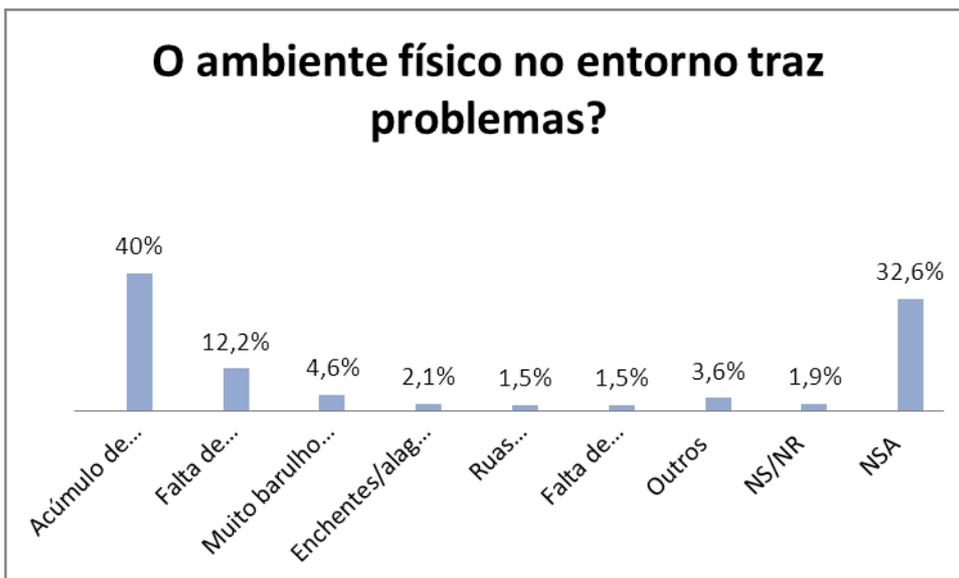
Com relação à **adequação dos prédios e equipamentos para a faixa etária** de crianças e jovens atendidos, 58,5% dos entrevistados os apontaram como inadequados. Para

estes, os principais pontos de crítica são: mobiliário inadequado para as crianças – mesas/cadeiras/equipamentos (30,5%); muitas escadas/deslocamento perigoso (11,2%); falta de espaço físico adequado/salas pequenas (8,8%); não tem brinquedos/playground/parque/quadra ruim (3,8%); falta adaptação para deficientes (2,1%); não adequado para o ensino de 9 ano (8,8%).



Para 62,7% dos Gestores Educacionais entrevistados, os acessos e **equipamentos não são adequados para atender deficientes**. Em especial, faltam elevadores (para 38,7%) e rampas (13,9%). Outros itens destacados foram: faltam banheiros com trocador e chuveiro; há degraus em salas de aula; faltam guias indicativos para deficientes visuais; falta de maca para trocar fraldas; vasos sanitários com tamanho inadequado.

O **entorno da escola** também foi alvo de críticas, para 65,5% dos profissionais pesquisados. Os problemas mais destacados pelos entrevistados foram: acúmulo de lixo/entulho/mato/ratos/mosquito (40% das respostas), com destaque para Campo Limpo (70%), Ipiranga (60%) e Itaquera (56%). Falta de segurança/violência/assaltos/drogas foi o segundo maior alvo de críticas, por 12,2% dos entrevistados, com destaque para: Pirituba e Jaçanã, com 23% e Ermelino Matarazzo com, 22%. Muito barulhento foi apontado por 4,6% dos entrevistados. As subprefeituras que mais criticaram foram: Vila Mariana e Perus, com 16,7% cada e Aricanduva, com 14%. Ruas esburacadas/asfalto ruim/sem sinalização/estreitas (1,5%). Enchentes/alagamento/córregos sem canalização (2,1%). Falta de brinquedos e área de lazer (1,5%).



#### 4 - Programas sociais nas Unidades Educacionais

O programa Leve-Leite é criticado por 63,2% dos pesquisados por interferir na rotina escolar. Vila Mariana teve unanimidade das críticas. O principal problema neste item foi a reclamação dos pais, apontado por 59,5% dos pesquisados. Veja gráfico:



A distribuição dos uniformes apresenta índices ainda maiores de críticas: 71,4% dos Gestores Educacionais entrevistados afirmam que interfere na rotina escolar. Os problemas apontados são: reclamação dos pais (62,2%), mobilização de funcionários (8,1%) e desvio de função (2,5%). Se no Retrato da Rede anterior, Cidade Tiradentes foi unânime em apontar a reclamação dos pais como o maior impacto negativo na rotina escolar, no Retrato da Rede do presente ano esse posto é ocupado pela subprefeitura de Aricanduva.

56,2% dos Gestores Educacionais entrevistados afirmam que a dinâmica adotada na distribuição do **kit de material escolar** interfere na rotina escolar. Em Ermelino Matarazzo, 88,9% dos pesquisados criticam essa tarefa da escola. No total das

respostas, os problemas citados pelos entrevistados são os seguintes: reclamação dos pais (31,4%), mobilização dos funcionários (24,4%), desvio de função (2,3%).

Em relação à adequação do **material didático enviado**, 63,2% do total dos pesquisados criticam o material didático. Cidade Ademar, Jabaquara e Lapa são unânimes nas críticas. Quando os pesquisados apontam as principais inadequações em relação ao material didático, citam a péssima qualidade e a falta de itens (25,8%).

## 5 - Organização da Escola

A **matrícula on-line** foi avaliada positivamente por 35,6% dos Gestores Educacionais entrevistados. Porém, este índice é seguido de perto por aqueles que avaliam como regular a forma adotada para se atualizar as matrículas (34,9%).

Em relação ao **atendimento da demanda**, verifica-se uma divisão entre os pesquisados: 50,7% afirmam que a demanda das Unidades Educacionais não é atendida; já 45,5% afirmam que sua demanda é atendida. Campo Limpo com 90,9% e Cidade Ademar com 90% são as subprefeituras onde se verifica os maiores índices de críticas em relação ao não atendimento da demanda. Sé, com 80% e São Mateus, com 75%, são as subprefeituras em que se verificam os maiores índices em relação ao atendimento da demanda feita pelas UEs.

62% dos pesquisados afirmam que a Unidade Educacional onde trabalham não apresenta **número de alunos acima do definido em Portaria de Matrícula**. Em Cidade Tiradentes, nenhum entrevistado apontou salas com número de alunos acima do estabelecido em portaria.

Em relação à **implementação da Lei 14.660/07**, Estatuto do Magistério Municipal, para 47,2% dos pesquisados, a lei não trouxe problemas à UE; mas 43,6% afirmam que a implementação da lei impactou negativamente as Unidades Educacionais. Esse grupo aponta os seguintes problemas: módulos insuficientes (15,2%), falta de professores (14,5%), transformação de cargos em módulos de professores (8,6%) e falta de orientações e informações (4,2%).

## 6 - Gestão colegiada e participação

A gestão colegiada se realiza através de mecanismos coletivos de decisões de âmbito escolar. São colegiados constituídos por professores, alunos, funcionários, pais e demais representantes da coletividade, escolhidos pela comunidade escolar com o objetivo de apoiar a gestão da Unidade Educacional. A partir dos anos 90, alguns deles ganharam o caráter de unidades executoras, com a iniciativa do Ministério de Educação e Cultura, MEC, de propor a sistemática transferência de recursos financeiros diretamente do Governo Federal para as Unidades Educacionais. Na RME

de São Paulo, os processos de gestão colegiada passam pela Associação de Pais e Mestres e pelo Conselho de Escola, este de caráter deliberativo.

A grande dificuldade apontada pelos Gestores Educacionais entrevistados com relação ao **funcionamento da APM** se refere à baixa participação dos pais, 71,2% das respostas. A subprefeitura de Campo Limpo e Sé são unânimes ao destacar a baixa participação/desinteresse dos pais como a maior dificuldade ao funcionamento da APM. Em relação ao total de entrevistados, outras dificuldades citadas são: burocracia na prestação de contas (16,2%) e falta de autonomia para utilização das verbas (3,6%).

A avaliação em relação às dificuldades para o funcionamento do **Conselho de Escola/CEI** é muito similar à apresentada para a APM. Baixa participação/desinteresse dos pais é apontada por 76,2% dos pesquisados.

## 7 - Questões Pedagógicas

A **organização dos horários coletivos** divide os Gestores Educacionais entrevistados. Enquanto 50,5% afirmam não haver dificuldade em relação aos horários coletivos, 46,7% destacam algum tipo de dificuldade, entre as quais acúmulo de cargos (33,4%), problemas com horário (7,8%), espaço inadequado (4,7%).

68,4% dos pesquisados informam que **não tiveram orientação suficiente** para a implementação do **Ensino Fundamental de 09 anos**. Esta ampliação prevê que todas as crianças de seis anos sejam matriculadas no Ensino Fundamental. Para amenizar rupturas traumáticas na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, os processos educativos deveriam se adequar à faixa etária das crianças: mobiliário, organização dos espaços físicos, materiais didáticos, currículo, proposta pedagógica, etc.

Para 58,4% a atuação do **DOT-P** (Departamento de Orientação Técnica-Pedagógica) na DRE é **insuficiente**. A subprefeitura mais citada é Perus, com 100% das respostas neste sentido. No total 42,7% dos Gestores Educacionais entrevistados avaliam que a atuação de DOT-P é regular; 39,6% avaliam como boa. Pelo segundo ano consecutivo, os pesquisados das subprefeituras de Perus (50%) e Casa Verde (16,7%) foram os que mais indicaram a alternativa “péssima”.

A maior crítica à atuação do DOT-P é que **desconsidera a realidade da escola** (para 24% dos pesquisados; com destaque para Vila Mariana, Cidade Ademar e Lapa) ou que a atuação é **incompleta e superficial** (para 21,1%).

O Programa **Rede em Rede** é avaliado como bom por 37,5% dos pesquisados e como regular por 31,8%, resultado que se manteve estável com relação a 2010. Apenas Perus apresentou índice relevante (50%) de registro da alternativa “péssimo”. Avaliação ainda mais positiva é registrada para o programa **Ler e Escrever**: 42,1% avaliam como bom, índice semelhante ao do ano anterior.

O programa **Orientações Curriculares** também continuou sendo bem avaliado (49,5% o avaliaram como bom). Cidade Ademar foi a subprefeitura onde os Gestores Educacionais avaliaram em maior número como “regular” (70%) esse programa.

**Tecnologia da Informação e Comunicação** (TIC) teve avaliação com maior índice nas alternativas Bom (35,2%) e Regular (30,1%). A melhor avaliação foi na subprefeitura de Campo Limpo (54,5%).

67,4% dos Gestores Educacionais entrevistados dizem trabalhar com os **dados da avaliação externa**. Esse grupo aponta como motivos: melhorar a qualidade do atendimento (42,5%), redimensionar/ampliar o Projeto Pedagógico (9,9%).

Dos pesquisados, 25,7% afirmam **não trabalhar com dados de avaliação externa**. Os motivos apontados são: trabalharem em EMEI/CEI/Educação Infantil (29,5%); dificuldade na utilização dos dados (7,4%); falta de participação/interesse (2,3%).

Sobre a **implementação da Lei 10.639/03**, que trata da questão étnico-racial, 61,5% dos profissionais pesquisados afirmam que a mesma não afetou de maneira significativa a vivência dos alunos. Os motivos apontados são: faltam mais discussão e conhecimento da lei (28,1%); não presença de problemas étnico-raciais (CEI, EMEI, com 13,7%); falta de capacitação dos profissionais envolvidos (12,3%); já terem trabalhado com o tema (9,9%); 4,4% afirmam que a lei só existe no papel.

Entretanto, para 30,9% dos Gestores Educacionais pesquisados, a implantação da lei trouxe mudanças na vivência dos alunos, sendo as mais significativas: maior reflexão sobre o assunto (20,7%); auxílio no trabalho cotidiano (9,3%); superação do preconceito e conhecimento da história (2,6%).

### **Algumas Conclusões**

A Gestão de Qualidade na Rede Municipal de Educação implica ações diretas para melhoria das condições de trabalho, ampliação da formação continuada, melhoria no atendimento aos Gestores pelos órgãos intermediários e centrais, melhoria e adaptação de prédios e equipamentos, maior valor destinado às UEs e maior autonomia na utilização das verbas. O estudo do SINESP aponta que tais problemas já estão interferindo diretamente na saúde desses Profissionais, o que demanda ações imediatas da Administração Municipal para prevenir e tratar dessas questões.